

Erico Verissimo

México

Ilustrações
Erico Verissimo

Prefácio
Flávio Aguiar

Posfácio
Anita de Moraes



COMPANHIA DAS LETRAS

À Companheira de Viagem e aos amigos
associados às nossas andanças mexicanas:
Moog, Frigga e Yara;
Aurélio, Marina e Mary;
Tito e Yoly,
é este livro afetuosamente dedicado.

14	Prefácio
20	Prólogo
26	1. A viagem
27	JUÁREZ
28	MAUS PRESSÁGIOS
29	O DESERTO
31	RAÇA TELÚRICA
32	A ERA DO FOGO
33	VIAGEM DENTRO DA VIAGEM
35	SAUDADE
36	AS DAMAS DE CHIHUAHUA
37	CÚPULAS
38	VULCÕES
40	QUADRO
40	O DEVANEIO E O DESASTRE
44	ONDE OS LÉPIDOS TURISTAS?
46	O TREM FANTASMA
48	2. Tenochtitlán
49	A ÁGUIA E A SERPENTE
49	A METRÓPOLE
50	RUAS E MERCADOS
52	O PALÁCIO IMPERIAL
54	O SACRIFÍCIO

56	3. A capital federal
57	SORTILÉGIO
58	O ZÓCALO
60	EU, BENITO JUÁREZ
61	CHAPULTEPEC
65	VESTÍGIOS DO PORFIRIATO
66	A CIDADE INSUBMISSA
68	CONTRASTES?
70	OS <i>LIBRES</i>
71	OS JARDINS DO PEDREGAL
72	A CIDADE UNIVERSITÁRIA
74	ADÔNIS DE BRONZE
75	JORNAIS
77	DUAS FIGURAS
79	O DESCONHECIDO
82	POVO MESMO
85	A FEIRA DE LAGUNILLA
88	O TENAMPA
93	TEATROS
95	O CAVALINHO
97	SOB O SIGNO DA MAGIA
99	4. Aspectos do mundo asteca
100	CIVILIZAÇÕES PRÉ-CORTESIANAS
101	O ESTADO E O INDIVÍDUO
104	CÓDIGO PENAL
105	ECONOMIA
107	CLASSES? CASTAS?
108	INDUMENTÁRIA
109	ARTESANATO
111	ARTES
112	ARQUITETURA
113	ESCULTURA
115	PINTURA E DESENHO
116	MÁSCARAS, CRÂNIOS E JOIAS
117	MÚSICA
118	DANÇA E TEATRO
118	LITERATURA
119	COSMOGONIA
120	UMA CONCEPÇÃO DO UNIVERSO
121	ALGUNS DEUSES E DEUSAS
122	A VOLTA DE QUETZALCÓATL
124	5. A Conquista
125	O JOVEM HERNÁN

126	AVENTURA ANTILHANA
128	A EXPEDIÇÃO
129	MARINA
130	RUMO AO MÉXICO!
130	O ERRO DE MONTEZUMA
131	O GOLPE
133	A ESCALADA
134	TLAXCALA
135	CHOLULA
136	A CIDADE DE PRATA
138	A PRIMEIRA AUDIÊNCIA
138	AÇÃO
140	A “NOITE TRISTE”
141	NOVA OFENSIVA

143 6. Puebla e Cholula

144	TERRA FRIA
145	POR QUE NÃO VIESTE, FEDERICO?
147	O BURGO DOS ANJOS
148	A TALAVERA DE PUEBLA
149	PRESENÇA
150	O BARROCO MEXICANO
151	A CASA DO ALFENIM
154	A CATEDRAL
155	REENCONTRO
156	O TEMPO E O TEATRO
158	O DRAMA
160	TERRITÓRIO SAGRADO
163	NARCISO
165	NAS ENTRANHAS DA PIRÂMIDE
166	A CIDADE
167	SANTA MARÍA TONATZINTLA
169	SAN FRANCISCO DE ACATEPEC
170	CRISTOS
172	VOLTA A PUEBLA
173	PEREGRINAÇÕES
174	A OITAVA MARAVILHA
175	SALVE, MARIA!
176	A COZINHA DE SANTA ROSA
178	COMIDAS

182 7. Oaxaca

183	O PADRE, A FREIRA, O TENENTE E O FOGO
185	MATAMOROS
186	AVENTURA
187	A CIDADE VERDE
189	PUNHAIS, REBOZOS E ZARAPES

190	JUANITO
192	A GRANDE ÁRIA
193	FRUTOS DA TERRA
195	FLORES
196	SAPATOS
197	SANGRE!
198	PÁSSAROS
199	SEREIAS
200	DOMINGO
203	RETRETA
205	PLANOS

207 8. Colóquios com José Vasconcelos

208	DOIS NOMES
210	PRIMEIRO COLÓQUIO
213	A COLÔNIA
214	O GRITO
215	SEGUNDO COLÓQUIO
222	TERCEIRO COLÓQUIO
228	QUARTO COLÓQUIO
231	QUINTO COLÓQUIO
233	A REVOLUÇÃO DE 1910
236	SEXTO COLÓQUIO
243	ÚLTIMO COLÓQUIO
250	CINCO ANOS NEGROS
251	LÁZARO CÁRDENAS

254 9. Outra vez a capital

255	EXPEDIÇÃO A SAN ÁNGEL
257	O BARÃO
260	OS MURALISTAS
262	OROZCO
264	RIVERA
267	SIQUEIROS
275	O PRIMO HENRIQUE
276	O HERÓI
277	LEMBRANÇAS
278	NOMES
278	A QUINTA LIBERDADE
279	CRISTOS, GALOS, PALHAÇOS
280	O CAVALO BRANCO
281	FUNERAL
282	CORPUS CHRISTI
283	TEOTIHUACÁN
285	TOLUCA
287	MESTRE TIMOTEO
288	CUERNAVACA

290	10.	Taxco
291		AMOR À PRIMEIRA VISTA
292		SANTA PRISCA
294		TRIXIE
295		ARTISTAS, PRESOS E BURROS
296		<i>MARIACHIS</i> AO LUAR
296		NOITE NA HOSPEDARIA
298		RETRATO DUMA DAMA
299		SAÍDA DA MISSA
300		DRAMA NA ESTRADA
303		O OUTRO MÉXICO
306	11.	O mexicano
307		A TERRA
309		O POVO
313		ASPECTOS DA VIDA E DO CARÁTER MEXICANOS
347	12.	A volta
348		PRINCÍPIO DO FIM
348		<i>PUEBLOS</i> FANTASMAS
349		CANSEIRA
349		GUANAJUATO
352		A PLAZA DE LOS FAROLES
354		AS MÚMIAS
358		ANALOGIAS
359		QUERÉTARO
359		CINCO BALAS DE CHUMBO
361		EPÍLOGO
363		Posfácio
372		Bibliografia
376		Biografia de Erico Verissimo
378		Obras de Erico Verissimo

I

A viagem

JUÁREZ

O lendário rio Grande, naquele trecho onde o cruzamos e naquela época do ano, não passava dum magro fio d'água a escorrer melancólico pelo leito cor de cobre brunido.

— A seca — explica lacônico o chefe de trem, sujeito baixo, de agudo perfil asteca.

Nossa composição — dois carros com pouquíssimos passageiros — era arrastada por uma velha locomotiva, lerda e dispneica.

— Tu vês — murmurei para a companheira — nenhuma pessoa em seu juízo perfeito faz esta viagem de trem...

— Os loucos viajam de avião — sorriu ela. — Até agora não tenho de que me queixar.

O exame de passaportes foi rápido. O funcionário americano era louro, magro e jovial. O mexicano, gordo, cabeludo e taciturno. Não tivemos nenhuma complicação com a Aduana: à vista de meu *laissez-passer* com o timbre da Organização dos Estados Americanos, desistiram de revistar nossas malas. Entramos lentamente em território do México. Sob a luz que cai dum céu desbotado, de tonalidade metálica, esta parte de Juárez próxima da estação da estrada de ferro lembra uma cidade do Nordeste brasileiro, com suas casas baixas, algumas pintadas de amarelo, azul ou rosa, o chão arenoso e o ar seco, duma transparência rútila. Índios e índias descalços, parados nas ruas, erguem para o trem suas enigmáticas caras cor de terra. São retacos, feios, sujos e tristes. Vejo homens vestidos de branco, sentados a dormir à sombra de árvores, dobrados sobre si mesmos numa posição fetal, o chapéu de palha caído sobre os olhos, bem como nas mais convencionais gravuras que pretendem representar o México. Meninos com macacões de zuarte, de visível influência texana, jogam beisebol numa pracinha. As torres duma velha igreja avultam acima dum maciço de árvores, nítidas contra o horizonte de maio. Aos poucos vou sendo invadido por essa sensação que, em certos lugares que visitamos pela primeira vez ou em certas situações, nos leva a pensar: “Já estive aqui antes. Isto já me aconteceu”.

Vejo e ouço o espoucar dum foguete no ar. Quando descemos na plataforma da estação de Juárez, um vendedor de bilhetes de loteria me assalta. “*Su fortuna, patroncito!*”. Digo-lhe que odeio o dinheiro e trato de me safar. Moscas esvoaçam ao redor de nossas cabeças. Ema-

nações amoniacais nos entram pelas narinas, de mistura com o áspero cheiro de fumaça de carvão de pedra. Um cego se aproxima conduzido por um menino. “*Una limosna por el amor de Dios! Una limosna p’a el cieguito, señor!*” — suplica a criança com sua clara voz de cincerro. Os olhos do cego, muito abertos, parecem refletir essa luz de zinco do céu de Chihuahua. Dou-lhe um peso.

Mendigos, foguetes, bilhetes de loteria, moscas... Estou em casa! Vem-me de súbito, numa onda, um urgente desejo de escrever. O romancista que hibernara durante dois anos à beira do Potomac ressurge aos primeiros contatos com este mundo dramático, tão próximo da terra e das raízes da vida.

Carregadores com caras patibulares fazem em espesso silêncio o transbordo de nossa bagagem. Tiramos as primeiras fotografias. Os metódicos, os cautelosos, e — por que não dizer? — os sensatos usam fotômetros para medir a intensidade da luz ambiente, a fim de ver que tempo de exposição se necessita ou que abertura se deve dar às lentes. Limitamo-nos, porém, a ler rapidamente a “bula” que acompanha o filme e a confiar no olho, o que me leva a uma reflexão psicossociológica, que cristalizoo numa frase: “O latino usa sempre o corpo em situações em que o anglo-saxão preferirá usar uma de suas muitas engenhocas. Resultado: eles fazem as coisas melhor, mas nós nos divertimos mais”.

MAUS PRESSÁGIOS

O trem que nos levará à Cidade do México está parado junto da plataforma. No costado do carro-restaurante leio um nome: Juventino Rosas. Deve ser um general — imagino — um deputado ou um ex-governador desta província. Mais tarde alguém me informa que se trata dum compositor popular, autor da famosa valsa “Sobre as ondas”. “*México, I love you!*” — exclamo. E nesse estado de espírito entro no trem. Nosso Pullman se parece com todos os Pullmans dos Estados Unidos. Um pouco menos bem conservado... vá lá! O sistema de ar condicionado talvez não funcione com perfeição mas existe, e isso é muito. Não temos como cabineiro um desses gordos, luzidios e sorridentes negrões americanos de voz grave. O nosso é um sujeito magro e calvo, de face cadavérica e barba de dois dias. Fala pouco e nunca sorri.

Pela janela minha mulher espia os *peones* que transportam gelo para o carro-restaurant. Uma das barras cai no chão poeirento, onde verdejam ilhas de esterco. Os homens tornam a pô-la nos ombros, e lá se vão, aureolados de moscas.

Mulheres esqueléticas erguem os braços para as janelas do vagão, oferecendo *tamales* e *tortillas*. Uma delas traz num tabuleiro vários pratos fundos com um líquido amarelento e gorduroso, em cuja superfície boiam rodela de cenoura e folhas de salsa.

Sinto que minha companheira está um pouco inquieta. Avisto o cabineiro. Tento estabelecer com ele um ambiente de camaradagem.

— Então, quando chegamos, amigo? — pergunto sorrindo.

O homenzinho encolhe os ombros e responde:

— *Pues, quién sabe?*

E se vai. Ouvimos vozes abafadas no compartimento vizinho. Uma criança rompe a chorar no corredor. Um pigarro rasca um peito invisível, uma tosse convulsiva arranha o ar, numa ameaça de vizinhança bronquítica.

— Está quente... — murmura minha mulher.

Vou perguntar ao cabineiro se o aparelho de ar condicionado está funcionando. Responde que parece haver um “*desperfecto en el aparato*”. Acho encantadora a palavra “desperfecto”, embora ela pressagie algo de terrível. Cruzar o deserto de Chihuahua num carro de aço sem ar refrigerado? Nem é bom pensar. Levo à companheira o sombrio resultado de minhas investigações. E ela, recordando famosa página de uma antologia escolar, murmura: “Aqui começa o sertão chamado bruto”.

E começava mesmo.

O DESERTO

O trem põe-se em movimento. Aos poucos vamos deixando para trás a cidade de Juárez em demanda do interior do estado de Chihuahua, cuja superfície é em grande parte um altiplano que desce em suaves declives para as barrancas do rio Grande. Isto quer dizer que daqui por diante só iremos subindo, até chegar à Meseta Central, onde se encontra a capital federal do México. O que temos pela frente durante as próximas vinte e quatro horas ou mais — *quién sabe!* — é uma sa-

vana arenosa e árida que alguns viajantes comparam com os desertos da África do Norte.

O estado de Chihuahua terá escassamente um milhão de habitantes para uma superfície de uns 160 mil quilômetros quadrados. A agricultura tem progredido pouquíssimo nesta região por causa da falta d'água e da quase impossibilidade da irrigação artificial. Para as bandas do Oeste, entre os tremendos esporões da Sierra Madre, existem vales elevados de solo vulcânico, de grande fertilidade, e canchadões duma beleza que rivaliza com a do Grand Canyon. Nos distritos dessa zona montanhosa é que se acham as importantes criações de gado do estado. Mas a riqueza principal de Chihuahua é a mineração. Em sua maioria as cidades pelas quais passaremos nesta jornada — Villa Ahumada, Ojo Caliente, Moctezuma, Chihuahua — nasceram ao redor de minas de chumbo, zinco, cobre, mercúrio, carvão, ouro e prata.

Em vão tento concentrar a atenção na leitura duma novela de Simenon: meus olhos não resistem ao chamado da paisagem. É uma fascinação quase mórbida. Jamais vi tamanha desolação. A savana que o trem atravessa é dum pardo acobreado, erichada a espaços de cactos e *magueys*. A única nota de frescura e cor neste deserto é dada pelo tênue perfil azulado das montanhas, muito longe, assim com um jeito incerto de miragem. Só de contemplar esse quadro, meus lábios se ressecam, a sede me aperta a garganta. Felizmente temos água fresca na cabina e o ar-condicionado funciona razoavelmente bem.

O comboio faz paradas misteriosas no meio do descampado onde não vejo nenhum posto ou estação, e depois retoma sua marcha ronqueira. Um condutor silencioso nos vem pedir os bilhetes. Tento, sem sucesso, entabular conversação. O homem, que masca pachorrentamente um palito, limita-se a mirar-nos de soslaio com seus olhos de esclerótica amarelada, e depois se vai, murmurando para si mesmo: “Trinta e cinco... Trinta e cinco...”. Minha mulher e eu nos entreolhamos, mudos.

Leio meia página da novela e torno a olhar para fora.

Passamos agora por um velho muro onde escurejam manchas. Sangue dos fuzilados de antigas revoluções — penso. De vez em quando o vento ergue uma onda de poeira e eu como que sinto nos lábios e nos dentes a aspereza daquela areia. A poeira torna a cair e lá está de novo o deserto na sua monótona imobilidade. O sol é como uma úlcera crônica no pálido tecido do céu. E sobre essa impiedosa

pupila de fogo não baixa sequer a pálpebra duma nuvem, para dar um momento de alívio à terra estorricada.

Algo começa a inquietar-me. Não vi ainda nesta paisagem nenhum rio, lagoa, cascata ou mesmo córrego. Duas coisas parecem estar ausentes deste mundo inóspito: água e sorrisos. Faço esta observação a um homem taciturno com quem puxo conversa na plataforma do carro, numa das paradas, e ele me arrasa com estas palavras: “O senhor acredita que esses pobres índios têm algum motivo para sorrir?”.

RAÇA TELÚRICA

Como a paisagem, o índio desta região é triste, seco e solitário. Nunca encontrei em toda a minha vida maior identificação entre o homem e a terra. O chão aqui é dum pardo acobreado como a pele de seus habitantes e o adobe de suas casas. Terra, caras, casas — tudo da mesma cor, como que feito da mesma substância. Começo a ter a impressão de que o índio mexicano não nasce como os outros mortais: brota do solo como uma planta. Tem muito de vegetal ou mesmo de mineral. Ocorre-me agora compará-lo ao *maguey* ou agave, esse tipo de aloés, estranha planta dum verde-escuro que semelha um feixe de longas espadas, com suas carnudas folhas debruadas de espinhos, e que terminam em ponta aguda. Do polpudo coração do *maguey* o índio extrai uma seiva, o *aguamiel*, que, fermentada, produz o pulque, bebida esbranquiçada com propriedades nutritivas. De outro tipo de *maguey* se obtém a tequila, forte bebida destilada, a cachaça do mexicano. O *maguey* também produz uma fibra com que se tece um pano de grande resistência. Como o *maguey*, o índio é retaco e cheio de espinhos, numa permanente atitude de defesa. Como a planta, ele tira deste solo árido o seu escasso sustento.

Existe em Chihuahua um tipo de índio, o tarahumara, que, para caçar os patos selvagens que todos os anos em novembro vão hibernar nos lagos dos altiplanos, fica às vezes um dia inteiro imóvel, como se fosse árvore ou pedra, e o faz com tanta perfeição e mesmo com tanta *convicção* de sua natureza vegetal ou mineral, que até as próprias aves se enganam e vêm pousar sem medo nas proximidades do caçador. Só nessa hora é que ele se move, usando de seu arco, e então não se trata

mais de caçada, mas de massacre. Os tarahumaras andam sempre aos pares, o marido alguns passos à frente da mulher.

Sobre esse curioso tipo aborígine Alfonso Reyes escreveu:

*Desnudos y curtidos,
duros en la lustrosa piel manchada,
denegridos de viento y sol, animan
las calles de Chihuahua,
lentos y recelosos,
con todos los resortes del miedo contraídos
como panteras mansas.*

Vi um casal de tarahumaras nos arredores de Juárez, o homem com seu gorro vermelho e sua túnica caída até a metade das coxas nuas. A mulher, que o seguia a uma respeitosa distância, metida nas suas múltiplas saias rodadas, parecia uma barriquinha colorida com pernas.

O trem torna a parar numa pequena e rústica estação, em cuja plataforma vejo meia dúzia de índios e centenas de moscas, concentradas estas numa tenda onde se expõem sumarentas rodelas de ananás e mangas dum amarelo alaranjado. Fico a contemplar a velha que toma conta da quitanda, e concluo que, com alguma fantasia, poderemos ver no corpo destes nativos sinais dos produtos minerais de sua província. No aspecto geral do índio estarão o peso e a cor sombria do chumbo. Na sua atitude esquiva, a qualidade resvaladia e arisca do mercúrio. Na pele, o cobre. O carvão nos olhos.

Bom, mas tudo isto não passa de literatura. Que siga o trem!

A ERA DO FOGO

Há quem sustente a ideia de que os índios desta parte do mundo são autóctones. Aqui temos a ciência a confirmar a minha intuição poética — digo à companhia de viagem. Segundo o índio convertido Ixtli-lxóchitl, que escreveu a sua “História” depois da Conquista, a cosmogonia dos astecas reconhece a existência de quatro Épocas ou Sóis, após a criação do mundo. Durante a segunda Época, denominada “Sol da Terra”, o mundo estava povoado de gigantes, os Quinametzins. Sobrevieram, porém, tremendos abalos sísmicos que destruíram essa

raça, tendo escapado apenas alguns de seus representantes. “Sol do Vento” chamava-se a terceira Época em que as raças humanas dos Olmecas e Xicalancas, tendo matado os últimos gigantes, tomaram posse da terra e fundaram a cidade de Cholula, indo até Tabasco. Foi nessa idade que o grande Quetzalcóatl — a Serpente Emplumada, o deus da civilização e da sabedoria — teve seu reino e fez suas prédicas. Terminou esse Sol pela transformação dos homens em macacos e por uma série de cataclismos que destruíram a terra.

— Em que época estamos agora? — pergunta minha mulher.

— No quarto período: “Sol do Fogo”, que acabará com o incêndio do mundo.

A companheira olha para fora e murmura:

— Não te duvido.

E saímos alucinados na direção do Juventino Rosas em busca de bebidas geladas.

VIAGEM DENTRO DA VIAGEM

À noite sonho que ando a vaguear em agonia por uma região desolada e opaca, povoada de vultos silenciosos nos quais não vejo mas pressinto a fisionomia de amigos mortos. Eles tentam dizer-me algo, mas de suas bocas não saem palavras, cai areia. Entre as sombras caminha meu pai, vejo que está perdido, tenho o dever de ajudá-lo mas não posso, porque não sei o caminho, estou mudo e, mesmo que conseguisse falar, não saberia a língua do país dos mortos. Esforço-me por enxergar melhor, compreender, explicar a confusa situação. Digo a mim mesmo: deves ter calma, porque tudo isto bem pode ser apenas um sonho, espera que desponte o dia: os fantasmas se apagarão. Mas no momento mesmo em que me digo essas coisas, sinto a angústia de perder outra vez meu pai, deixá-lo abandonado neste deserto, só, sem água nem sepultura. Depois... não sei o que acontece nem quanto tempo se passa. Estou no fundo dum rio, a água me entra pela boca e pelas narinas, sufocando-me. Eu me debato no esforço inútil de subir à tona, o coração me incha no peito, mais e mais, vai estourar... Desperto banhado em suor, levo alguns segundos para compreender onde estou. Vejo o quadrado violáceo da janela, ouço o ruído ritmado das rodas do trem. A angústia, po-

rém, continua, agravada agora pelo abafamento e pelo calor do camarote. O aparelho de ar condicionado deve estar funcionando mal. Salto do leito e tento abrir a janela. Inútil. Fico com a testa colada ao vidro, olhando estupidamente para fora, espreitando a noite sem lua, o misterioso mundo morto que o trem atravessa e que tanto se parece com o de meu pesadelo. Agora tenho na mente a imagem de meu pai, retomamos velhos diálogos que eu preferia esquecer. O suor me escorre pelas faces, pelo pescoço, pelas costas. Acendo a luz e olho o relógio. Apenas duas da madrugada. Tão cedo! Desejo a manhã e o sol, que me libertarão dos incubos. Meto a cabeça na pia e abro a torneira. A água, morna, me dá apenas um alívio momentâneo. Trato de convencer-me de que se voltar para a cama hei de dormir em paz. A sensação de mal-estar, entretanto, persiste. Por que se repetem tanto esses sonhos em que estou morrendo asfixiado no fundo dum rio ou enterrado vivo?

Tamanho homem! Volta para a cama. Estás num trem, a caminho da Cidade do México, numa viagem de recreio, e tudo até agora vai bem. Vamos! Obedeço humildemente à minha própria ordem e me estendo no leito. Mas o desejo de quebrar o vidro da janela continua, e toda a minha angústia — agora um pouco atenuada, é verdade — se concentra no peito, numa espécie de mancha. No compartimento vizinho, alguém rompe a tossir convulsivamente. A velocidade do trem aos poucos diminui, até que com um ranger de ferros a composição estaca. Entram pela janela as luzes duma estação. Ouço vozes: *Tamales calientes! Enchiladas! Taquitos!* Não quero nada disso. Quero o dia. Quero o sol. Quero ar fresco. Quero sair deste túmulo de aço!

O comboio fica parado uma eternidade. Ouço passos no corredor. Cerro os olhos, penso em Pancho Villa, no cavalo branco de Emiliano Zapata e, por associação, num caudilho gaúcho da Revolução de 23. Mas que diferença entre as planícies áridas de Chihuahua e os verdes campos do Rio Grande!

Agora me branqueja na mente o monumento a Lincoln, que logo desaparece para dar lugar a algumas faces americanas. Como é possível — pergunto a mim mesmo — existirem tão perto um do outro dois países tão diferentes como o México e os Estados Unidos? Até que ponto a influência americana estará modificando o caráter e os costumes mexicanos? É o que espero verificar nesta viagem. Começo a compor mentalmente uma carta: “Escrevo-te dum estranhís-

simo trem que não parece viajar no espaço temporal, mas na Eternidade...”. E a palavra Eternidade era a deixa que o sono esperava para tomar conta de mim e me projetar de novo no sonho.

Quando torno a despertar o sol já vai alto.

SAUDADE

Um novo dia principia. Deço em algumas estações, caminho por entre índios, malas, sacos, engradados, tendas e quitandas coroadas de moscas... Tento entabular conversação com algumas das pessoas que encontro nas fuliginosas plataformas. Inútil. Algumas limitam-se a mirar-me com olhos frios, como se não me tivessem ouvido ou entendido. Outras nem sequer me olham. Um garoto descalço coberto de farrapos me pede “*una propina*”. Tem olhos negros e adultos. Deixo-lhe uma moeda de cobre na mão encarvoada.

O trem apita. Subo para o carro e a viagem continua. Temos bom apetite, mas é sem a menor alegria que fazemos nossas visitas ao Juventino Rosas. Sentimos saudade da alvura das toalhas dos carros-restaurantes americanos, do brilho argentino de seus talheres, da limpa rigidez dos geladinhos caracóis de manteiga. Aqui as toalhas são de má qualidade e estão cheias de nódos de vinho, banha e café. A manteiga é amarela como margarina e já vem para a mesa meio derretida, com uma consistência de pomada. Os talheres são de qualidade inferior e estão de ordinário com os cabos engordurados. O açúcar é grosso e dum branco duvidoso. E como sabemos que em cada gota da água que nos servem pode abrigar-se toda uma população de protozoários, só bebemos a mineral de Tehuacán. Queixo-me de tudo isso à minha mulher, que observa:

— O teu mundo mágico.

Reajo:

— Ah, mas teremos compensações! Espera.

— É essa esperança que me traz de pé.